



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

O ateliê criativo de Sergio Machado

Marília Andrés Ribeiro, Universidade Federal De Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0003-2088-1063>

marilia.andres@gmail.com

Resumo

O texto discute o tema do ateliê do artista a partir do depoimento dos artistas que participaram do projeto Circuito Atelier, apontando a diversidade de abordagens e o denominador comum, centrado na criatividade. Focaliza o ateliê do artista Sergio Machado, que atua na cena belo-horizontina desde os anos 1980. Apresenta o trabalho criativo deste artista no contexto da pandemia da Covid 19, enfatizando suas propostas conceituais e seus projetos de escultura, desenho e pintura. Resumo do artigo em Português, com o máximo de 900 caracteres

Palavras-chave: Ateliê. Artista. Contemporâneo. Sergio Machado.

Abstract

The text discusses the theme of the artist's studio based on the testimony of artists who participated in the Circuito Atelier project, pointing out the diversity of approaches and the common denominator centered on creativity. It focuses on the studio of artist Sergio Machado, who has worked in the Belo Horizonte scene since the 1980s. It presents the artist's creative work in the context of the Covid 19 pandemic, emphasizing his conceptual proposals and his sculpture, drawing and painting projects.

Keywords: Ateliê. Artist. Contemporary. Sergio machado.

Introdução

O tema do ateliê como refúgio e estratégia de sobrevivência me levou a refletir sobre o projeto *Circuito Atelier*, projeto que realizei junto com Fernando Pedro da Silva, na Editora C/Arte, durante 17 anos (1998-2015), quando publicamos 55 livros/depoimentos de artistas brasileiros. O projeto focalizava a fala do artista, pautada pela metodologia da história oral, entendida como ferramenta importante para a compreensão da história do tempo presente¹. Salientava, ainda o processo criativo, os projetos artísticos e uma cronologia da trajetória dos artistas, resultando na publicação de livros, na realização de depoimentos em vídeos e no lançamento destes trabalhos no ateliê do artista.

Foi um trabalho muito instigante que nos aproximou do pensamento dos artistas, do fazer artístico, do processo de criação das obras e dos diversos ateliês. Tivemos a oportunidade de entrevistar 55 artistas e de descobrir a diversidade e a riqueza de seus ateliês, que consistiam numa mistura de ferramentas, materiais, obras, livros, cadernos e pensamentos.

Selecionei os ateliês de cinco artistas que se relacionam com o ateliê de Sergio Machado. Os ateliês de Amilcar de Castro; a “Casa do Fazer” de Jorge dos Anjos; o “Ateliê Residência” de Manfredo de Souza Netto; o “Ateliê Arquivo” de Paulo Bruscky; O “Ateliê Itinerante” de Antônio Dias e o “Ateliê Transparente” de Waltércio Caldas.

Mostrarei, a partir de seus depoimentos, como esses artistas abordaram a questão do ateliê do artista.

Os ateliês dos artistas participantes do Circuito Atelier

Amilcar de Castro concebe o ateliê como um espaço do fazer onde ele exercita o desenho, os projetos de esculturas, as litografias e os desenhos sobre tela². Ele nos fala da importância do desenho no seu processo criativo. “Minha escultura começa no ateliê, aqui eu faço o desenho, faço uma maquete de papel, depois, se gosto, passo para o ferro e faço uma maquete. Então, se gosto, aumento o tamanho. O desenho é fundamental, uma maneira de pensar. E pensar, em arte, é desenhar porque sem desenho não há nada”³.

Seguindo os ensinamentos de Amilcar de Castro, que foi seu professor, Jorge dos Anjos concebe o ateliê como uma “Casa do fazer”, uma casa/ateliê, um espaço sagrado onde ele realiza seus desenhos, suas maquetes, pinturas, esculturas e performances, integrando o saber artístico construtivo com a herança

¹ Ver a discussão das diversas abordagens da história oral no livro organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado – Usos & abusos da História oral – Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.

² Amilcar de Castro tinha ateliês em Belo Horizonte e Nova Lima. Hoje, seu ateliê funciona como Espaço de catalogação, divulgação e preservação de sua obra através do Instituto Amilcar de Castro.

³ Amilcar de Castro-depoimento. Belo Horizonte, Editora C/Arte, 1999, p. 34.

afro-brasileira⁴. Jorge nos fala da importância desse saber ancestral na construção de sua obra.

Na arte africana o artista sempre trabalha com questões espirituais, a arte é um veículo de ligação entre o terreno e o espiritual. Vínculo-me a essa matriz, o fazer para mim é quase religioso. Acho que se não fosse artista eu seria um sujeito da religião. O espaço do ateliê é um lugar sagrado, é como se fosse um terreiro de candomblé, onde as coisas acontecem religiosamente. É no ateliê que construo a minha esperança, penso e procuro realizar as coisas, onde invisto todo o meu projeto de vida⁵.

Manfredo de Souza Netto, que construiu o seu ateliê na sua própria casa, em Botafogo, no Rio de Janeiro, pensa no legado desse ateliê para os artistas jovens, um ateliê-residência de artista e um lugar de criação artística.

Meu ateliê, principalmente o térreo da casa onde ele funciona, considero como se fosse meu inconsciente, o lugar onde as coisas germinam, o lugar de gestação da obra, um caldeirão em ebulição, com vida independente, própria. Vivendo no mesmo imóvel onde tenho ateliê, me permite estar sempre em contato com a obra. Eu chego da rua e vou ver as obras que estão sendo feitas, as noites de insônia me permitem ir para o ateliê e trabalhar, criar projetos. Existe uma relação orgânica entre o meu ateliê e a minha maneira de trabalhar e de viver. (...) É uma simbiose que eu estabeleci com esse espaço da casa, o espaço das duas casas e o meu trabalho. É até algo que quero preservar pois não gostaria que, depois de minha morte, esse ateliê fosse destruído. Gostaria que ele continuasse a servir como um local de criação e de oportunidade de trabalho para outros artistas, que eles aqui pudessem vir residir, ter um local onde pudessem criar e viver por um período determinado. Seria uma residência de artistas, como tem muitas na Europa⁶.

Paulo Bruscky, artista conceitual, irreverente, criador da arte correio no Brasil, construiu ao longo dos anos um ateliê/arquivo, meio caótico, um labirinto onde se encontram textos, revistas de arte, livros de artistas, postais, jornais, cadernos, poemas, anotações e objetos diversos. Dentro deste ateliê/arquivo, que se localiza em Recife, Bruscky encontra o material para suas pesquisas e suas criações.

Em 2004, seu ateliê/arquivo foi apresentado na Sala Especial da 24^a Bienal Internacional de São Paulo, no contexto expositivo de um arquivo/instalação.

⁴ Jorge dos Anjos tem ateliês em Belo Horizonte e na Mata dos Palmitos, distrito de Ouro Preto.

⁵ Jorge dos Anjos-depoimento. Belo Horizonte, C/Arte, 2002, p. 19.

⁶ Manfredo de Souza Netto-depoimento, Belo Horizonte, C/Arte, 2006, p. 35-36

Bruscky nos conta como foi essa transposição e a importância de apresentar ao público o seu processo criativo através da instalação do ateliê/arquivo.

Para mim, (a transposição do meu ateliê para a Bienal) foi uma experiência impar. Eu, não conhecia o Alfons Hug, curador da Bienal, e foi a Cristiana Tejo quem o convidou e me disse que ele queria conhecer meu ateliê. Quando ele entrou começou a andar pelo ateliê com os olhos arregalados. Andou todo o meu ateliê sem dizer nada, voltou, andou de novo, foi quando ele deu uma risada. Ele se virou para mim e disse: “eu estava procurando uma sala especial para a Bienal e tenho uma proposta para lhe fazer: você aceita ser a sala especial? Eu quero levar o seu ateliê. Isso tudo!” Na hora eu não acreditei, fiquei pensando como ele iria levar aquilo tudo! Mas ele estava convicto e disse que já sabia como, aí acabei aceitando. Depois percebi que ele gostou tanto da ideia que queria até levar meu ateliê para Veneza, mas eu sou artista, preciso do meu ateliê. Quer dizer, o meu ateliê não é a obra. Vejo como o processo de mostrar o próprio processo de criação do artista, porque ali ninguém vê a minha obra, vê o processo, o meu processo⁷.

A concepção do ateliê como um processo, inserido no circuito de arte, está presente nos múltiplos ateliês itinerantes de Antônio Dias.

Roberto Conduru, na apresentação do livro-depoimento de Antonio Dias, nos mostra como se estruturam os diversos ateliês do artista.

Ao longo do tempo, a vida e a obra do artista tem se feito com deslocamentos entre muitos lugares: Campina Grande, Rio de Janeiro, Paris, Milão, Nova York, Nepal, Colônia, Karlshue. Nesse caminho, em estadas breves ou longas, ele foi conformando e reconfigurando muitos ateliês. O trânsito incessante acabou determinando situações variadas para seus espaços de trabalho e viver⁸.

Continuando a sua reflexão sobre os ateliês de Antonio Dias, Roberto Conduru salienta o caráter transitório, múltiplo, polivalente e dinâmico que transcende o espaço físico e se situa na dinâmica de seu trabalho dentro do circuito de arte.

Constituintes do sistema artístico, seus ateliês nunca são entendidos como refúgios e sim como lugares a partir dos quais ele pensa o mundo e nele intervém. Mesmos os ateliês duradouros são momentos e lugares de passagem em seu transitar pelo circuito (...).

⁷ Paulo Bruscky-depoimento, Belo Horizonte, C/Arte, 2011, p. 45.

⁸ CONDURU, Roberto. Apresentação para o livro depoimento de Antônio Dias, Belo Horizonte, Editora C/Arte, 2010, p. 3.

Subsidiários ao seu trânsito pelo circuito artístico, esses espaços fazem pensar como, para Antonio Dias, o circuito é o ateliê⁹.

Enquanto Antonio Dias situa o seu ateliê dentro do sistema de arte, Waltercio Caldas faz uma reflexão sobre o processo de constituição de sua obra, apresentando o seu ateliê transparente¹⁰.

Mais do que a produção de objetos, esculturas e desenhos, o trabalho especula a percepção e o olhar sobre as coisas, com as coisas. (...) Meu trabalho poderia ser resumido em duas partes. Uma delas dividida em frações descontínuas, que são os objetos, os livros, os desenhos, as esculturas. A outra parte seria o fluxo contínuo, quase invisível que age no espaço entre as esculturas e os objetos, modificando e ressignificando esses objetos. Esta lacuna, esta “atividade” entre os objetos seria tão importante para minha poética quanto os próprios objetos¹¹.

Na verdade o ateliê de Waltercio é o espaço transparente que existe na mente, aberto à criatividade, à invenção e à produção de imagens, sintonizado com o espaço branco do papel, onde o artista registra as imagens no momento de sua aparição primeira¹².

O ateliê criativo de Sergio Machado



Figura 1. Sergio Machado no seu ateliê, 2021

⁹ Idem, p. 5.

¹⁰ Waltercio Caldas possui ateliês no Rio de Janeiro, onde ele integra também a sua biblioteca.

¹¹ Waltercio Caldas-depoimento. Belo Horizonte, C/Arte, 2006, p. 18.

¹² RIBEIRO, Marília Andrés. Apresentação para o livro-depoimento de Waltercio Caldas, Belo Horizonte, C/Arte, 2006, p.5.

Proponho discutir o ateliê do artista Sergio Machado não só como uma estratégia de sobrevivência diante da pandemia, mas também como uma estratégia de sobrevivência diante da vida.

Sergio Machado é um artista mineiro que atua no cenário das artes visuais desde os anos de 1980, dedicando-se aos projetos conceituais, ao desenho, à escultura e à produção de objetos em madeira, ferro e pedra.

Ele nos conta que tinha uma molduraria, com grande sucesso no mercado de arte de Belo Horizonte, onde produzia molduras especiais que eram verdadeiras obras de arte. O sucesso e o excesso de trabalho propiciou-lhe um enfarte e uma internação de 15 dias no CTI de um hospital da cidade.

Sobrevivente daquela crise, que quase o levou à morte, resolveu abandonar as molduras e dedicar-se à criação artística. Desde então, o fazer artístico tornou-se imperativo enquanto estratégia de sobrevivência do corpo e da alma do artista. E o ateliê de arte tornou-se o lugar propício ao desenvolvimento de sua produção artística.

Ali, na sua casa/ateliê, situada no bairro Bonfim, em Belo Horizonte, diante de uma paisagem panorâmica da cidade, o artista/artesão desenvolve seus projetos, suas esculturas e objetos. Ali, ele também recebe seus amigos para uma roda de conversa, onde se discute arte, política, mercado e os desafios da vida cotidiana.



Figura 2. Ateliê/Casa de Sergio Machado, 2021

Ele nos fala da construção de seu ateliê/casa, da solidude dos artistas plásticos e da troca de conhecimento com os amigos.

O ateliê é meu esconderijo, onde eu guardo os segredos, busco as coisas escondidas na minha alma e na minha vivência, onde estão as peças físicas e mentais. Construí este ateliê ao longo dos anos para ter condições de trabalhar. É um espaço planejado, aberto para a luz. A luz é muito importante para o meu trabalho. Organizei um eco sistema com as plantas, as flores, os peixes e os animais de estimação. Mas tem também um espaço fechado onde faço meus desenhos, um espaço mais limpo, sem vento, sem poeira.

O ateliê é um lugar solitário. Os artistas plásticos são muito solitários. Eles se aproximam dos escritores. Nesta solidão a gente fica numa bolha, estamos protegidos, encontramos um lugar que é até perigoso. Neste sentido, a pandemia foi boa para o trabalho, no sentido de ficar quieto em casa, sem interferências.

O ateliê é a minha casa, é uma ateliê/casa, trabalho até altas horas da noite. O problema da casa/ateliê é a cozinha, pois estamos o tempo todo beliscando. Mas a cozinha é o lugar para receber os amigos. Eu gosto muito das trocas entre os amigos por isso tenho sempre uma bebida para oferecer. Aqui é o lugar onde recebemos quem a gente gosta¹³.



Figura 3. Ateliê/Casa de Sérgio Machado – Objetos Diversos

¹³ Entrevista com Sérgio Machado, realizada em Belo Horizonte, em 25 de junho de 2021.

Sempre atuante, Sergio Machado salienta a importância da micropolítica na sua vida e tem desenvolvido projetos de denuncia contra a destruição da natureza e do planeta, a exemplo da intervenção que realizou em frente ao Museu da Vale, na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, logo após o desastre sócio ambiental ocorrido na região de Mariana.



Figura 4. Ateliê de Sérgio Machado – Tubarões, 2021

Ele nos fala de sua atuação micropolítica e desta intervenção/protesto que fez em 2015, em frente ao Museu da Vale.

Eu acho que a militância é algo muito importante dentro de mim. O movimento hippie sempre me encantou muito. Foi um movimento que falava de amor, de revolução, sempre ligado à arte. Nós ainda não conseguimos atingir aquele ideal de sociedade, estamos, portanto, do outro lado do planeta. Vivenciamos a ditadura militar na juventude e tivemos que viver num ambiente de opressão, de falta de liberdade. Hoje temos uma ferramenta, a internet, e sinto a obrigação de denunciar e divulgar as ideias através da rede. Meu trabalho tem a ver com a micropolítica, com a exposição de tubarões, das pedras, um trabalho com os elementos da natureza. Não registrei o trabalho dos tubarões em frente ao Museu da Vale, mas estava questionando a matança dos tubarões no litoral e a exploração das siderúrgicas em Minas. A ideia era fazer uma intervenção em frente ao Museu da Vale junto com o Fernando Pacheco e as galerias da cidade. As galerias não toparam, o Fernando desistiu e eu fiz o trabalho sozinho, na calada da noite. Consegui um

caminhão de flores para encher o passeio com flores e com fotos da destruição e das pessoas mortas. Os amigos me ajudaram a levar as flores. Levei uma trava para dependurar os tubarões. Eram cinco tubarões de papelão revestidos de barro. Aí, apareceram os seguranças e ameaçaram retirar o trabalho porque ele estava sujando o local. Discutimos e deixamos bem claro que estávamos protestando com poesia e que foram eles, os donos da Vale, que estavam sujando os nossos rios com a lama¹⁴.

Durante a pandemia Sergio Machado tem se concentrado na produção artesanal de esculturas em madeira e pedra, bem como de desenhos e pinturas cujo eixo é a pedra, que ele considera o elemento estruturante do planeta Terra.

Na pandemia trabalhei com o desenho das pedras. Foi uma coisa muito boa porque sempre gostei de desenhar. Sempre tive uma relação muito forte com o desenho, desde criança. Com a pandemia eu voltei a desenhar as pedras e a fazer as esculturas com as pedras. Estou fazendo também alguns cocares de madeira que falam da *Demarcação Já*. Como não ficar alheio à questão indígena? Meu trabalho tem a ver com a exploração da madeira, do ouro e do ferro¹⁵.



Figura 5. Objetos de Sergio Machado- Cocares, 2021

¹⁴ Idem

¹⁵ Idem

No início da pandemia da Covid 19 Sergio Machado realizou, com a participação dos “alados”¹⁶, uma proposta de ocupação do espaço do coletivo *Asa de Papel Café&Arte* com a exposição híbrida *Um metro e meio*. A exposição teve uma proposta inovadora, apropriada ao momento em que vivemos: foi realizada dentro e fora do espaço físico e ampliada para o espaço virtual da *Asa de Papel*, através do *instagram* e do *face-book*. Discutia a questão do isolamento social, apresentando fotografias, objetos híbridos em madeira e pedra e intervenções dentro e fora do espaço expositivo. O público foi convidado a ficar em casa e a participar da mostra através da internet. A inauguração foi o momento em que os participantes do coletivo e os convidados tiveram a oportunidade de conversar e compartilhar outra maneira de experimentar e celebrar a arte, através das plataformas digitais¹⁷.

Durante o evento, Sérgio Machado fez um depoimento, onde ele fala de sua proposta poética e política, dos materiais que utiliza no seu trabalho e de sua preocupação ambiental.

A exposição é um questionamento sobre o distanciamento social da *Covid 19*: será que este distanciamento veio agora ou já vem de algum tempo? Estamos passando por um momento muito grande de problemas sociais e políticos, o povo brasileiro ficou dividido, os amigos ficaram divididos, as famílias ficaram divididas, os irmãos brigaram. Teve alguma coisa que me chamou a atenção. Quando apareceu a *Covid 19* achei que foi uma oportunidade de falar sobre este assunto. E a exposição surgiu, espontaneamente, durante a quarentena, com a ajuda da Raquel, da Marília e da Pat.

Tive a oportunidade de participar da organização da exposição e de escrever a sua apresentação. Segue um trecho deste texto:

Sérgio Machado apropria-se do X, marca da Covid-19, e faz interferências dentro e fora do espaço da *Asa de Papel*. O artista usa outro elemento, a pedra, para contrapor ao X, mostrando a permanência desta no planeta Terra. A pedra aparece viva e leve nos delicados desenhos, nas nano esculturas, nas fotografias e nas interferências urbanas realizadas pelo artista. A pedra, que está presente na poética de Sérgio Machado como afirmação da energia vital, nos convida a preservar a natureza, o entorno, o ambiente e a vida na Terra.¹⁸

¹⁶ “Alados” é a denominação que se refere aos frequentadores da “Asa de papel Café& Arte”, um coletivo de Belo Horizonte que reúne artistas, intelectuais, escritores, entre outros.

¹⁷ A mostra foi inaugurada no dia 18 de junho de 2020, através de uma Live, apresentada no *instagram*, com a participação do artista Sérgio Machado, da designer gráfica Pat Kamei, da designer de produto Raquel Martins e de minha curadoria.

¹⁸ Texto de minha autoria para a apresentação da exposição, publicado no catálogo virtual - *Um metro e meio*, Belo Horizonte, 18/06/2020



Figura 6. Exposição 1 metro e meio – Fotografia, 2020

O ateliê de Sérgio Machado nos mostra várias facetas de sua arte: a do artista plástico que faz pinturas, desenhos, objetos e esculturas; a do artesão que domina com maestria a matéria bruta – a madeira, a pedra, o ferro - transformando-a em arte e a do artista conceitual que propõe uma ação micropolítica ao seu redor, potencializando a discussão sobre questões contemporâneas.

Concluindo, a reflexão sobre o ateliê do artista como refúgio e estratégia de sobrevivência nos mostra que, apesar das diferenças, os ateliês dos artistas têm em comum o processo de criação, o fazer artístico, seja ele mental ou o material, conceitual ou objetual. Mostra, ainda, que a visita aos ateliês, o contato com os artistas e as entrevistas continuam sendo fundamentais para a compreensão da dinâmica dos ateliês dos artistas.

Referências

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002 (5ª edição)

RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro (Orgs.). *Amilcar de Castro*, Belo Horizonte, C/Arte, 1999. (Coleção Circuito Atelier)

RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro (Orgs.). *Jorge dos Anjos*. Belo Horizonte, C/Arte, 2002. (Coleção Circuito Atelier)

RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro. *Manfredo de Souza Netto*. Belo Horizonte, C/Arte, 2006. (Coleção Circuito Atelier)

RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro. *Waltercio Caldas*. Belo Horizonte, C/Arte, 2006. (Coleção Circuito Atelier)

RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro. *Antonio Dias*. Belo Horizonte, C/Arte, 2010. (Coleção Circuito Atelier)

RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro. *Paulo Bruscky*. Belo Horizonte, C/Arte, 2011. (Coleção Circuito Atelier)

RIBEIRO, Marília Andrés. *Exposições e intervenções de arte na Asa de Papel Café & Arte*. Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 329-344, 2021 (2020). ISSN: 2236-0719. DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.40.27> Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.html>

Como citar:

RIBEIRO, Marília Andrés. O ateliê criativo de Sergio Machado. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 1272-1283, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.103>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>